

## ETANOL ENCALHADO

**\*Roberto Rodrigues**

Volto a um tema angustiante, Agroenergia, especialmente etanol.

Como é sistematicamente alardeado, o etanol hidratado só compete com a gasolina nos carros flex quando seu preço na bomba for inferior a 70% do valor do derivado do petróleo.

O preço da gasolina está congelado pelo Governo desde 2006. Compreende-se isso: o aumento da gasolina teria efeito imediato na inflação, e isso não interessa a ninguém. Tanto é verdade que recentemente o preço da gasolina foi aumentado para a Petrobrás mas o aumento não foi repassado para o consumidor. O artifício usado para isso foi a eliminação da CIDE sobre a gasolina. Aliás, a Petrobrás compra lá fora a gasolina necessária e a vende internamente a um preço menor, o que lhe acarreta um prejuízo monumental, com conseqüente perda de valor da Empresa.

Os números impressionam. Em 2009 não importamos gasolina A, mas em 2010 importamos 505 milhões de litros (ao valor de 284 milhões de dólares), em 2011 isso saltou para 2,18 bilhões de litros importados (de 1,6 bilhão de dólares) e entre janeiro e julho deste ano já tínhamos importado 2,13 bilhões de litros (1,7 bilhão de dólares). É claro: o governo estimulou a venda de automóveis sem uma política definida para combustíveis. Ora, o consumo explodiu e a produção de gasolina – e principalmente nossa capacidade de refino – não acompanhou a demanda. Tivemos mesmo que importar...

Por outro lado, o etanol é fabricado principalmente a partir da cana-de-açúcar, que é um produto agrícola, sujeito portanto às mesmas variáveis de outros cultivos: clima, preços dos insumos (adubos, defensivos, máquinas e equipamentos), dificuldade de adaptação à colheita mecanizada os pesados encargos derivados da mecanização da colheita, crescimento do custo da mão de obra, etc. Assim, o aumento do custo de produção da cana se reflete no preço do etanol, que acaba cotado, em vários estados do país, a um valor maior que 70% do preço da gasolina.

Isso inviabiliza a competitividade histórica do etanol brasileiro, sustentável, renovável, gerador de empregos e redutor de importações de óleo. Mas a demanda pelo etanol continua nos estados onde a competitividade é viável, sobretudo pelos estímulos governamentais para a compra de carro flex.

No entanto, a produção não cresce há 4 safras, por fatores conhecidos. A crise de 2008 foi o ponto de partida dos problemas. Naquele ano, 30 novas usinas foram construídas no Brasil. Depois, os investimentos despencaram, a tal ponto que nestes dois últimos anos só 3 “greenfields” foram anunciados. A esta falta de investimentos, inclusive com redução dos tratamentos culturais dos canaviais, se somam 3 anos ruins em termos climáticos, de modo que no ano passado produzimos apenas 560 milhões de toneladas de cana, contra 572 produzidos em 2008/2009. Com isso, a produção de etanol em 2011/2012 foi de 22,7 bilhões de litros, mas em 2008/2009 já havíamos produzido 27,7 bilhões de litros, quase 13% a mais! E tivemos que importar etanol de milho dos Estados Unidos, quase 1 bilhão de litros no ano passado!

Estamos então num beco complicado: a demanda por combustíveis continua crescendo, tanto de etanol quanto de gasolina, e não produzimos o suficiente de ambos, o que nos levará a continuar importando ainda por um bom tempo. A gasolina, mantida a atual política de preços, dá um brutal prejuízo à Petrobras e inviabiliza o etanol. E ninguém vai investir neste produto sem uma clara política, com regras definidas, para os combustíveis. Precisamos estimular a produção de etanol e aumentar o refino do petróleo. E parar de importar álcool feito com milho.

Será tão difícil assim resolver este dilema? Claro que não é! Bastam 3 medidas para desanuviar o ambiente: uma política de preços para a gasolina mais ligada aos vigentes no mundo todo; desoneração fiscal do etanol; financiamento desburocratizado para aumentar a produção de cana.

Em pouco tempo tudo estará reequilibrado e estaremos de novo exportando nosso precioso e sustentável etanol.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**